

Recensão de *Metodismo, Catolicismo e o Campo Educacional em Juiz de Fora*

CORDEIRO, Ana Lúcia. A inserção do metodismo em Juiz de Fora: uma história de conquistas e tensões. Juiz de Fora: Letras e Notas, 2003.

O livro de Ana Lúcia Cordeiro, resultado da dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da UFJF, tem como objetivo perceber as relações entre metodismo e catolicismo no período de inserção missionária na sociedade juizforana. O recorte temporal abrange o período de 1884 a 1900. Para levar a efeito sua pesquisa, a autora realizou investigações em jornais locais, como *O Pharol*, *Diário de Minas* e *Jornal do Commercio*, nos jornais oficiais da Igreja Metodista *O Methodista Catholico* e o *Expositor Christão* e no jornal *Lar Catholico*, da Igreja Católica. Trata-se de uma reflexão inovadora, já que contribui com dados inéditos nos estudos acerca do protestantismo histórico, um tanto obscurecido atualmente pelas produções sobre o neopentecostalismo.

No capítulo 1, “O Metodismo e sua Concepção de Missão” (p. 21-55), a autora aborda a questão da formação e desenvolvimento do metodismo e a concepção de missão assumida por esta religião, buscando suas raízes na Reforma

Protestante e delineando sua trajetória a partir da Inglaterra e dos Estados Unidos. O protestantismo, desde os seus primórdios, foi uma forma religiosa que já nasceu fragmentada, com um potencial para divisões que continua acentuada. Assim sendo, desenvolveu diversas tendências teológicas que foram assimiladas pelas várias denominações. “Foi sob esse influxo que se consolidou a concepção de missão do metodismo inserido no Brasil” (p. 21).

Sobre as heranças teológicas do metodismo wesleyano, a autora aponta, a partir do estabelecimento do anglicanismo, os caminhos que culminaram na constituição desse movimento religioso. Numa interessante contextualização histórica, ela vai sinalizando para elementos surgidos no interior do protestantismo, que serviram de base para a teologia do metodismo em sua origem, como o arminianismo, o puritanismo e o pietismo. Guardadas as devidas diferenças, esses três movimentos “davam ênfase à liberdade e à responsabilidade humanas na resposta ao chamado universal de Deus para a salvação” (p. 27).

Na Inglaterra do século XVIII, com uma Igreja Anglicana em declínio, surge a figura de João Wesley, responsável pelo “despertar religioso” que ficou conhecido em todo o mundo. Guardando tradições de independência religiosa e um interesse profundo por questões sociais, Wesley parte em busca da salvação pessoal, organizando sociedades metodistas por toda a Inglaterra (p. 29). Teologicamente sua pedra de toque é a doutrina da perfeição cristã, salientando a interação entre a graça divina e a vontade humana. Para Wesley, a perfeição cristã é concebida em termos ativos: “trata-se não apenas de abster-se do mal, mas de comprometer-se com o bem” (p. 31). Esse compromisso, que resultou no ardor pela salvação das “almas perdidas” tendo em vista reformular a sociedade pela aplicação dos princípios cristãos, fez com que o movimento metodista se expandisse para muitas partes do mundo, incluindo a América do Norte.

Analisando o metodismo como um “fenômeno da fronteira” norte-americana, a autora trabalha o momento histórico de implantação das 13 colônias e as formas religiosas que

nelas se desenvolveram, destacando que, embora o catolicismo estivesse presente desde o início, “foi o protestantismo, composto por associações voluntárias, de organização livre a partir das representações de base” (p. 35) que prevaleceu. Com uma liturgia basicamente anglicana, mas com a autonomia cedida por Wesley, o metodismo norte-americano irá distinguir-se de seu par inglês principalmente em sua política eclesial, “com seu ministério itinerante e laico, as pregações ao ar livre, a ênfase na experiência pessoal da fé e a conseqüente santificação e seu alto padrão moral, que exerceu forte influência nas demais concepções protestantes norte-americanas” (p. 38).

Movido pela ideologia do “Destino Manifesto”, o metodismo norte-americano expandiu-se na esteira da colonização das áreas do Oeste dos Estados Unidos. Foi nas regiões de “fronteira” que o metodismo realizou seu grande empreendimento, que marcou seu *ethos* cultural, obtendo melhor êxito que outras denominações, numa sociedade marcada pela liberdade religiosa (p. 39). Na medida em que concebiam a sua missão como uma empresa nacional, os metodistas envolviam-se numa obra educacional orientada para o ideal do progresso da civilização cristã na América do Norte. Eles fundaram “uma vasta rede de instituições educacionais que se propuseram, por um lado, a reforçar e a moldar a civilização cristã norte-americana, inculcando a idéia da superioridade anglo-saxônica e, por outro, a promover a ‘regeneração’ do mundo, difundindo os valores da sociedade norte-americana” (p. 43).

No final do primeiro capítulo a autora analisa a inserção do metodismo no Brasil. Estando estreitamente vinculados ao projeto expansionista dos Estados Unidos, iniciado no século XIX, os metodistas concebiam a sua missão tanto no sentido de semear a sua religião em terras brasileiras como no de transmitir os valores norte-americanos de liberdade, democracia, civilização e progresso (p. 44). A primeira tentativa de entrada no país acontece em 1836 e a segunda, iniciada oficialmente em 1876, consolida-se em 1930 com a criação da Igreja Metodista do Brasil. As missões metodistas que se estabeleceram nas cidades do Sudeste, inclusive Juiz

de Fora, estavam vinculadas à Igreja Metodista Episcopal do Sul dos Estados Unidos.

A estratégia utilizada para a inserção metodista no Brasil foi a conquista, via educação, do segmento liberal da classe política e economicamente dominante da região Sudeste e dos intelectuais sensíveis ao sistema de valores norte-americanos. Seu crescimento pode ser observado pela influência dos seus colégios, que atraíram a burguesia em ascensão. Juiz de Fora, com sua “imagem liberal e progressista”, apresentava-se naquele contexto como um espaço propício para implantação dessa forma religiosa, devido ao seu desenvolvimento econômico e político, ao processo crescente de urbanização e à sua posição geográfica, situando-se próxima à sede da missão brasileira da Igreja Metodista Episcopal do Sul, no Rio de Janeiro (p. 54).

O capítulo 2, “A Missão Metodista em Juiz de Fora” (p. 57-101), trata do metodismo no contexto juizforano, onde o catolicismo era a religião majoritária. Relatos dos impasses entre metodistas e católicos eram freqüentemente veiculados pela imprensa local, evidenciando que não houve uma acolhida pacífica. A investida metodista no campo da educação formal em Juiz de Fora foi o que trouxe resultados mais concretos para a missão (p. 58). Investigando a evolução de Juiz de Fora até a chegada dos primeiros metodistas, a autora identifica os elementos que propiciaram e que dificultaram a sua inserção na cidade. Além disso, são analisados também os elementos que envolveram a ação missionária, dentre eles, a prioridade educacional através do Collegio Americano Granbery, que é ressaltada como estratégia privilegiada de estabelecimento na cidade.

O trabalho missionário metodista iniciou-se em Juiz de Fora em 1884. Para o efetivo estabelecimento de sua missão os metodistas optaram por privilegiar uma estratégia de ação que já vinha sendo empregada no Brasil: conquistar a elite liberal, republicana, maçônica, positivista e anticlerical presente na cidade, (p. 78). A imprensa local foi sistematicamente utilizada a fim de divulgar a presença missionária na região e de estabelecer um contato com o catolicismo. Uma das características do trabalho missionário foi a difusão da Bíblia,

na língua portuguesa, com um preço mais acessível aos interessados. O interesse por parte da população juizforana em adquirir a Bíblia protestante provocou a reação de representantes do catolicismo, que chegavam a duvidar da legitimidade das bíblias distribuídas pelos metodistas.

As dificuldades começaram a acontecer também pelo estilo de pregação e pela prática de dirigir cultos ao ar livre. Outra atividade desenvolvida pelos metodistas foi a divulgação de periódicos da Igreja, detalhados nesta produção, assumindo todos eles a tarefa de oposição tanto ao catolicismo quanto a qualquer doutrina fora do protestantismo.

O surgimento da Escola Dominical junto com a Igreja cumpria o propósito de iniciação dos novos convertidos nas doutrinas e crenças protestantes, fornecendo também um mínimo de instrução para as camadas menos privilegiadas da população. Embora a Escola Dominical tenha se constituído num dos elementos da ação missionária para a conquista da elite juizforana (p. 86), ainda assim era necessária uma estrutura educacional que pudesse produzir mudanças no nível cultural.

A opção pela educação formal, que culminou na criação do Collegio Americano Granbery, foi um elemento decisivo para a fixação do metodismo em Juiz de Fora (p. 89). Conforme afirma a autora, uma das principais razões que levaram a Igreja Metodista a estabelecer na cidade uma instituição para educação formal foi o desejo de difundir nessa sociedade a cultura protestante norte-americana através de métodos educacionais considerados modernos (p. 90). O modelo educacional adotado era o sistema de ensino norte-americano, mais aberto e flexível quando comparado aos padrões europeus presentes no sistema educacional brasileiro.

Trata-se de uma prática inovadora, refletida nos planos de curso, nas matérias ensinadas e no método pedagógico, que privilegiava a observação e a experimentação (p. 95). Uma das atribuições dos responsáveis pelas instituições de ensino era escolher, cuidadosamente, o corpo docente entre profissionais capacitados, de preferência metodistas. A relação entre professor e aluno fundava-se na colaboração,

liberdade e respeito mútuo, com ênfase no progresso individual (p. 96). O êxito social e pedagógico desta instituição educacional se deve, em grande parte, ao apoio que os “homens de progresso” deram ao seu moderno sistema de ensino (p. 99).

O capítulo 3, “As Tensões entre Metodismo e Catolicismo” (p. 103-141), apresenta os impasses entre os fiéis católicos e os metodistas, bem como as polêmicas entre o clero diocesano e os missionários. Essas polêmicas foram devidamente registradas na imprensa local. De um modo geral, as relações entre metodistas e católicos em Juiz de Fora no período da implantação metodista foram marcadas pela divergência. O livro registra que o metodismo parece ter sido, desde o princípio, considerado como ameaçador para o predomínio do catolicismo, sendo sistematicamente acusado dos mais variados desvios.

Em contrapartida, os metodistas culpavam o catolicismo por todos os vícios imputados aos brasileiros, numa visão extremamente negativa desta religião. Os jornais locais tornaram-se o campo de batalha onde se desenrola a luta sem trégua das confissões que se dizem opostas e a autora vai registrando-as de modo a dar ao leitor uma noção bem próxima do que significaram estas disputas. Dos temas privilegiados nessas discussões a Bíblia ocupa lugar privilegiado, mas outras diferenças doutrinárias entre as duas confissões também foram alvo das intermináveis polêmicas (p. 112).

Ao analisar as polêmicas com o clero diocesano, a autora refaz a trajetória da romanização em Juiz de Fora. Os embates que aconteceram entre os metodistas e o clero diocesano foram transcritos a partir de partes significativas de debates publicados pela imprensa local. Um dos mais ferrenhos opositores do metodismo foi o padre Hipólito de Oliveira Campos, que publicava textos contra os metodistas desde 1890. Os seus embates, principalmente com o ministro metodista John W. Wolling, ganharam espaço nos jornais locais. Porém, com o passar do tempo, o ânimo do então padre vai se arrefecendo e ele começa a dar sinais de insatisfação com o modelo de catolicismo ultramontano que se

estabelecia na cidade (p. 127). Isso culminou no seu afastamento da paróquia de Juiz de Fora.

O final do capítulo é dedicado à dinâmica da conversão do padre Hipólito de Oliveira Campos. O caso deste padre é usado como exemplo para analisar a dinâmica da conversão ao metodismo, tomando-se como referencial privilegiado o conceito de “alternação” desenvolvido pelos sociólogos Peter Berger e Thomas Luckmann. O metodismo ofereceu a Hipólito Campos uma nova estrutura de plausibilidade, através da conversação com os outros significativos com os quais ele começou a se identificar. A sua longa participação na Igreja Metodista indica que esta comunidade religiosa conseguiu manter a sua experiência de conversão como um acontecimento plausível (p. 141).

O livro de Ana Lúcia Cordeiro ajuda a pensar a relação entre diferentes confissões religiosas presentes numa cidade em franco desenvolvimento. Por conta dessas presenças a sociedade vai assumindo atitudes diferenciadas que contribuem na conformação da sua identidade. A autora sinaliza que a obra em questão não esgota a análise da presença metodista em Juiz de Fora; muito mais ainda há para ser explorado. O conhecimento da presença metodista em Juiz de Fora é também o conhecimento da história do povo juizforano em sua dinâmica religiosa e muito tem a contribuir ajudando no entendimento do campo religioso desta cidade.

Elienai Castellano
Doutoranda em Ciência da Religião – UFJF
teologiajf@yahoo.com.br